

Sarney

O DISCURSO DO PRESIDENTE

Governo fortalecerá a área privada com 4 medidas

BRASÍLIA — A abertura de espaço para o crescimento da iniciativa privada na economia brasileira — conforme foi anunciado no pronunciamento do Presidente José Sarney na noite de segunda-feira passada — será feita através de quatro medidas específicas a serem executadas nas estatais. Serão adotados controles dos investimentos dessas empresas; do crescimento de sua dívida externa; da situação financeira e ainda serão cortados gastos de custeio, além da privatização, fusão e extinção de diversas delas, informou ontem o Subsecretário de Imprensa do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto.

O Governo, acrescentou Frota Melo, acredita que essas medidas vão garantir efetiva queda das taxas de juros, pois diminuirão a necessidade da área pública de buscar recursos no mercado financeiro. De acordo com sua argumentação, com menores juros, os empresários privados ampliarão seus investimentos, através da contratação intensiva de mão-de-obra e da aquisição de matéria-prima, para aproveitarem melhor sua capacidade ociosa de produção, que está hoje muito elevada.

Frota Neto explicou que isso per-

mitará ao País reativar seu crescimento sem reaquecer a economia. Segundo disse, com o aproveitamento da atual capacidade ociosa das empresas, será possível acelerar o crescimento sem que sejam necessários novos investimentos e, dessa forma, não se compromete o controle da inflação.

O Porta-Voz presidencial para assuntos econômicos afirmou que a redução do papel do Estado na economia será feita gradualmente. O Governo, disse, vai diminuir as aplicações de recursos na área econômica, para poder ampliar as aplicações na área social sem aumentar o déficit público. A definição dos campos que serão beneficiados e os programas específicos a serem executados estarão no Plano Nacional de Desenvolvimento (PND). Em meados de agosto próximo o esboço do PND será apresentado à sociedade, pelo Ministro do Planejamento, João Sayad, para ser amplamente debatido antes de ser encaminhado ao Congresso Nacional, em setembro próximo.

Segundo Frota Neto, o Governo também fará a consolidação dos Orçamentos Monetário, Fiscal e das estatais, de forma a manter um efetivo controle dos gastos com subsídios.

A REAÇÃO DOS INDUSTRIAIS AS PALAVRAS DE SARNEY

Antônio Ermírio afirma que é hora de 'entrar na realidade'

SÃO PAULO — "A intenção é boa mas é preciso sair do papel e entrar na realidade do País", afirmou ontem o Diretor-Superintendente do grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, ao comentar o pronunciamento à Nação feito anteontem pelo Presidente José Sarney.

Antônio Ermírio disse que o Presidente Sarney está bem intencionado e representa uma esperança de mudança em comparação com os governos anteriores. Na sua opinião, Sarney terá muita dificuldade para executar seu programa de Governo, em função da complexidade que apresentam os problemas econômicos brasileiros, como a taxa de inflação e a dívida externa.

Com relação à declaração do Presidente da República de que chegou a hora de ser realizada a abertura econômica e que o País precisa adotar política de desenvolvimento econômico, Antônio Ermírio observou que "falar é fácil, mas o difícil é colocar isso em prática".

— É muito bonito falar que é preciso acabar com a recessão e que o País deve crescer, mas para que isso ocorra é necessário

que as taxas de juros sejam reduzidas. Não consigo entender o motivo de o Governo ter estabelecido o controle de preços para a indústria e não ter tabelado os juros. Com o atual custo financeiro não existe empresário capaz de investir no País — assinalou Antônio Ermírio.

Outras reações:

MATIAS MACHLINE, Presidente do grupo Sharp: "O País realmente está entrando na Nova República, pois estamos chegando à verdade. A mensagem do Presidente foi realista e caracterizada pelo otimismo. Os empresários ouviram exatamente o que estavam esperando: basta de papéis; vamos partir para a atividade produtiva."

JOSÉ DE ALENCAR GOMES DA SILVA, Presidente do grupo Wembley/Coteminas: "O discurso deixa clara a opção pelo regime de livre iniciativa. O lucro é das empresas e não do empresário, e a empresa é uma fração essencial da economia. É através da iniciativa privada que as atividades econômicas podem ser descentralizadas."

ISAAC RUBENS BARPAL, Presidente da Westinghouse do Brasil: "O pronuncia-

mento não foi suficiente para definir a política econômica do Governo. Cortar os gastos públicos, combater a inflação e promover o desenvolvimento econômico são pontos que todos defendem. O difícil é estabelecer o modo de tornar viáveis essas metas e isso o discurso não deixou claro."

CÉSAR RODRIGUES, Presidente em Exercício da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg): "Sarney demonstrou discernimento, franqueza e clareza em suas colocações sobre os pontos que estão estrangulando o desenvolvimento e afetando a paz social."

LUIS OCTAVIO VIEIRA, Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs): "Um ponto fundamental do discurso: as severas críticas aos países desenvolvidos, que nos obrigam a conviver com altas taxas de juros."

ORLANDO MOSCOZO BARRETO DE ARAUJO, Presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia: "A política de combate à inflação não foi traçada nem esclarecida. E qual é realmente a posição do Governo quanto à reforma agrária?"

Em Nova York sem comentários

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O discurso do Presidente José Sarney não teve muitas repercussões nos Estados Unidos. A maioria dos banqueiros credores está em férias inclusive o Coordenador da dívida externa brasileira, William R. Rhodes, do Citibank, se encontra na Europa até o dia 5 de agosto. Os banqueiros que estão em Nova York acharam o discurso político e dirigido a várias platéias dentro do Brasil.

— Foi um discurso sem novidades. O importante é a palavra do Fundo Monetário Internacional, sem a qual não há acordo. O Presidente Sarney falou do seu posicionamento político e o discurso foi direcionado a muitas platéias — disse um banqueiro americano credor ao GLOBO.

As atenções dos banqueiros americanos foram mais para a missão brasileira que voltou ontem ao Brasil. O resultado dessa missão poderá levar o Ministro da Fazenda a acertar um acordo com o FMI. Os bancos vêem a situação como ideal, caso o fundo dê o sinal verde para os bancos.

— Poderemos até prorrogar o acordo mas dessa vez será diferente já que teremos a concordância do FMI — disse o banqueiro.